



Candido Portinari  
A Árvore da Vida  
1957

## Infância e arte de brincar: educação em movimento

Universidade Federal Fluminense

Rua Marcos Valdemar Bloco D - Faculdade de Educação - 5º andar  
Telefone: 2629-2706 E-mail: [revistaleph@yahoo.com.br](mailto:revistaleph@yahoo.com.br)  
Facebook: <http://www.facebook.com/aleph.brasil.7>  
Home page: <http://revistaleph.uff.br>

ISSN 1807-6211 – Dezembro de 2014 - ANO XI - Número 22

Ficha catalográfica na Biblioteca Central do Gragoatá

R454 Revista Aleph / Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação. – Ano 1, n. 1 (jun. 2004) - . Niterói: UFF, 2004 - .

v. : il.

Dois números por ano (jul., dez.): ano 5, n. 16, dez. 2011- .

Irregular: ano 1, n. 1, jun. 2004-ano 5, n. 15, ago. 2011.

Modo de acesso: Word Wide Web.

Disponível em: <http://www.revistaaleph.com>.

ISSN 1807-6211.

1. Educação. 2. Ensino. I. Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Educação.

CDD 370

### **Conselho Científico**

#### **Nacional**

Célia Linhares – UFF  
Cecília Coimbra – UFF  
Clarice Nunes – UFF  
Eliana Yunes – PUC-Rio  
Elizabeth Barros – UFES  
Ludmila Thomé de Andrade – UFRJ  
Maria Cristina Leal – UERJ  
Sílvio Gallo – Unicamp  
Solange Jobim – PUC-Rio

#### **Internacional**

Adriana Püiggrós – Universidad de Buenos Aires, Argentina  
Maria Nazaret Trindade – Universidade de Évora, Portugal  
Thamy Ayouch – Université Lille III, Paris VII, França

#### **Editores Associados**

Estela Scheinvar – UERJ  
Inês Bragança – UERJ  
Maria Lucia Müller – UFMT  
Vera Lúcia Campos – UERJ

#### **Editores Científicos e Executivos**

Léa da Cruz – UFF  
Rejany dos S. Dominick – UFF

#### **Conselho Editorial**

Bruna Molisani F. Alves – UFRJ  
Célia Linhares – UFF  
Dagmar de M. Silva – UFF  
Léa da Cruz – UFF  
Rejany dos S. Dominick – UFF  
Vera Lúcia Campos – UERJ

#### **Bolsistas**

Giselle dos S. Barbosa – Pedagogia – UFF  
Mariana B. dos Santos – Pedagogia – UFF  
Patrícia F. Vasconcellos – Pedagogia – UFF

### **Pareceristas deste número**

Adriana B. Guedes – Colégio Miraflores  
Alice Akemi Yamasaki – UFF  
Aloísio Monteiro – UFRRJ  
Amália C. D. da R. Bezerra – UERJ  
Ana Paula S. L. L. Lobo – Unilasalle  
Andrea Serpa – UFF  
Bruna Molisani F. Alves – UFRJ  
Carlos João Parada Filho – UFF  
Carlos Tourinho – Puc-Rio/UFF  
Dagmar Mello e Silva – UFF  
Edith Ione dos Santos Frigotto – UFF  
Eduardo Quintana – UFF  
Iolanda de Oliveira – UFF  
Lenaura Vasconcellos – UFF  
Lilian Maria P. de C. Ramos – UFRRJ  
Luciana Gageiro Coutinho – UFF  
Luciana Osteto – UFF  
Luiz Antônio Botelho Andrade – UFF  
Luiz Fernando Conde Sangenis – UERJ  
Mairce da Silva Araújo – UERJ  
Márcia Denise Pletsch – UFRRJ  
Marco Antônio Santoro – UFRJ  
Maria das Graças Gonçalves – UFF  
Maria Lúcia C. Lopes de Oliveira – UFF  
Maria Lúcia de A. Fortuna – UERJ  
Maria Lúcia Müller – UFMT  
Maria Tereza Goudard – UERJ  
Mônica Silvestri – UFF  
Nelma A. M. Pintor – U. Estácio de Sá  
Ney Luiz Teixeira – UERJ  
Paulo Pires – UFF  
Solange Santiago Ferreira – UFF/ISAT  
Tânia Mara Müller – UFF  
Valdelúcia Alves da Costa – UFF  
Vera Campos – UERJ

#### **Imagens**

**Capa:** Pintura de Candido Portinari (1957)  
Diagramação CEAEX-UFF

**Páginas iniciais:** Foto de Gabriela Dominick  
Diagramação Rejany dos S. Dominick



## Editorial

### Infância e arte de brincar: educação em movimento

*Sabem por que eu pinto tanto menino  
em gangorra e balanço?  
Para botá-los no ar, feito anjos .  
(Portinari)*

Em Portinari está a imagem que escolhemos para identificar esta edição. Porque embora muitos e muitos outros tenham expressado em suas telas aspectos da sociedade brasileira, Portinari guarda uma característica que merece ser lembrada sempre: sua brasilidade referenciada em nossa gente, especialmente nas crianças. Algumas de suas telas nos trazem imagens que nos remetem à memória da infância eivada de traquinices e brincadeiras, na energia pulsante de uma sociedade ainda muito marcada pelas distinções de classe. As crianças têm seus pés plantados em um chão de barro, em terrenos abertos, em que subir em árvores, soltar pipas, balançar, pular carniça, brincar nas gangorras e com estilingue expressam a marca de um tempo em que viver é mágico. O universo infantil está representado por elementos lúdicos, mas neles também transborda uma densa representação social, em que se entrecruzam situações factuais e poesia. São muitas as razões que poderiam justificar nossa escolha, mas basta afirmar que sua obra é a expressão do que acreditamos ser a infância: uma fase marcadamente mágica, pictoricamente representada na tela *A árvore da vida*.

É com esta inspiração que abrimos o número 22 da RevistAleph, uma edição em que a infância e a arte de brincar são o tema do Dossiê. A temática resulta da associação desta Revista com o *II Congresso Infância e Brinquedos de Ontem e Hoje*, realizado na Universidade Federal Fluminense, em 2014. Durante quatro dias, reuniram-se cerca de duzentos pesquisadores, nacionais e internacionais, que apresentaram conferências e oficinas. Há também textos enviados por pesquisadores que não estiveram presentes em tal encontro.

Os trabalhos narram experiências e resultados de pesquisa nos quais estão presentes crianças de diferentes classes, regiões e etnias. Crianças da periferia urbana, crianças da aldeia indígena, crianças – tão somente crianças em diferentes modos de ser criança. O olhar sobre a categoria geracional se expande. São relatos fundamentais para a formação docente em perspectivas amplas, seja na abordagem sobre alfabetizadores em processo dialógico, sem receitas, seja para a formação que entrelaça música e matemática, a numerofonia, seja com o aporte da antropologia, seja ainda aquela em que a psicanálise se apresenta como um precioso campo para dar vez à “palavra dos pais”. Trilhamos uma pista pavimentada por uma concepção de educação em que os contextos de formação do professor precisam dialogar com diferentes vozes e com as ricas singularidades da sala de aula. Alargam-se, assim, as bases de compreensão das conexões entre a escola, a criança e o aprender (e também o seu oposto).

Por isso, quando abrimos este convite à leitura o fazemos ressaltando a importância dos trabalhos aqui publicados pela singular relevância dos mesmos para o campo da formação de professores. A riqueza das abordagens faz suscitar novos olhares sobre a educação porque nos abrem múltiplas e novas perspectivas de análise. Sem dogmatismo, vemos os professores como sujeitos que se constituem como vidas enlaçadas nas tramas da sociedade de classe. São profissionais em permanente formação, para quem o aprender e reaprender são parte de um processo em que o conhecimento sustenta a autonomia e a sociabilidade, fundamentais para uma educação que ultrapasse a simples reiteração, as lógicas e práticas educativas engessadas e cristalizadas.

Ainda cabe destacar que estamos publicando uma coletânea de resumos de trabalhos apresentados pelos docentes da UFF em evento promovido pelo Programa de Inovação e Assessoria Curricular (PROIAC), vinculado à Pró-Reitoria de Graduação. A abertura desta publicação específica foi escrita por sua coordenadora e os resumos registram experiências de ensino-aprendizagem representativas do que denominamos *movimentos instituintes*, neste caso vividos na docência no ensino superior.

Por tudo isso, delinea-se uma composição, neste número, em que nos apercebemos que muitos dos artigos que agora publicamos guardam proximidade com o pensamento de Boaventura de Souza Santos, que indicava, nos anos 1990 e seguintes, que a antítese da globalização seria a valorização do que é local. Nossa concepção não é restritiva. Acreditamos que é indispensável criar pontes com o diverso para entendermos e valorizarmos a riqueza das diferenças. Nas brincadeiras, nos brinquedos e nas múltiplas pesquisas e experiências aqui relatadas há pistas para que se faça da educação a contrapelo uma realidade. Mesclada com uma lógica multicultural, que nos permita reafirmar nossa brasilidade. Uma identidade que não exclui as outras culturas e formas de conhecer, mas que não cai nas armadilhas do velho mecanismo de buscar, linearmente, a transposição pura e simples do vivido em outras sociedades.

Boa leitura !

As editoras

## APOIOS

